

APRESENTAÇÃO

PRAGMÁTICA — UMA VISTA AÉREA

Já se foram os tempos em que a Pragmática era vista como “a lata de lixo da lingüística”, para lembrar a famosa expressão cunhada por Bar-Hillel (1971), expressão essa que entrou para a história. Alguns dados sobre a revista internacional que se preocupa exclusivamente com a área, **The Journal of Pragmatics**, são simplesmente impressionantes e falam por si. Lançada em 1977, como uma revista quadrimestral, foi obrigada, dois anos depois, a converter-se em um periódico bimestral para atender ao número de contribuições que se acumulavam, e, a partir de 1991, tornou-se uma publicação mensal, diante da verdadeira enxurrada de trabalhos literalmente empilhados na mesa dos editores.

Logo em seu primeiro número, a dupla de editores, Harmut Haberland e Jacob Mey, assinalaram a dificuldade de delimitar a pragmática e lamentaram a tendência a apelar para fatores pragmáticos como o último recurso, ou seja, quando se esgotam todas as outras tentativas de explicação de algum fenômeno lingüístico. Segundo os autores, o lema da maioria dos pesquisadores já era “When in trouble, call it pragmatics and jump!” (Quando estiver em apuros, fale em pragmática e dê o fora) (Haberland e Mey, 1977: 7).

A tendência a “empurrar com a barriga” a própria definição do que possa ser o domínio da pragmática sempre foi grande entre os teóricos que se debruçaram sobre a questão; ou seja, para muitos pesquisadores a pragmática continua sendo o lugar das “sobras”. Gazdar (1979), por exemplo, define a pragmática como “o estudo da significação menos a semântica”, lembrando uma tradição já inaugurada por Katz e Fodor (1964), para quem a semântica já era “a teoria lingüística menos a gramática [ou seja, a sintaxe]”.

Doze anos após o seu lançamento, em 1989, a revista **The Journal of Pragmatics**, ainda se encontrava em pleno vapor. Ao celebrar o número especial comemorativo da revista — batizado de o Copper Anniversary (Bodas de Cobre) Issue, um dos editores lembrava que “Cinco oitavos de uma vintena de anos atrás, a pragmática não era uma disciplina bem definida.” (Fife-eighth of a score years ago, pragmatics was not a well-defined discipline.) (Mey, 1989: 825).

O mesmo número comemorativo da revista trazia uma nota editorial (desta vez, assinada pelos autores apenas como “Os Editores”), onde se recordava a política editorial da revista estabelecida em seus primeiros números. Segundo os autores, o tipo de trabalho que a revista pensava em aceitar era “coisa que se aproximava do tema da revista — linguagem e seu uso, num sentido o mais abrangente possível, e em todas as suas manifestações ... material ...que, embora produzido por lingüistas, não podia ser classificado como *scholarly*, em qualquer sentido, já que seria mais propriamente

chamado de ‘poético’, ‘artístico’, or até mesmo, agradável e simples divertimento” (Editors, 1989: 821).

Na verdade, esse aspecto lúdico, literário e, as vezes, irreverente sempre marcou os trabalhos na área de pragmática. No lançamento do primeiro número da revista **Language and Communication**, um dos seus co-editores responsáveis, chegou a registrar o seguinte: “Foi-se o tempo — se é que houve esse tempo — em que era iluminador tentar pensar a linguagem como algo independente de seus usuários, ou o compartilhar de uma língua como simplesmente uma questão de por acaso ter acesso a um serviço comunitário pre-estabelecido (tal como compartilhar um banheiro público ou um serviço de abastecimento de água.” (Harris, 81: 1).

O estilo casual e descontraído da citação acima contrasta com a proposta editorial da revista **Linguistic Inquiry**, editada pelo Massachusetts Institute of Technology, o MIT, e lançada exatos 11 anos antes de **Language and Communication**. Numa nota — não-assinada — logo no primeiro número, fala-se da “necessidade de uma plataforma intelectual ... com o objetivo de explorar a habilidade do Homem em manipular símbolos ...” — e por aí vai.

Acontece que, passadas já algumas décadas, a Pragmática ainda é vista por muitos estudiosos, não sem razão, como um verdadeiro ‘saco de gatos’. O ditado em latim *Quot homines, tot sententiae* nunca fez tanto sentido como no caso da pragmática. A situação ainda é confusa o suficiente para deixar perplexos tanto os adeptos como os críticos perguntando se há, de fato, qualquer diferença significativa entre uma lata de lixo e um saco de gatos.

Ao organizar este volume especial sobre pragmática, meu objetivo não foi — nem de longe — o de tentar por ordem nessa confusão instalada. Muito menos o de tentar caminhar em direção a um consenso. O interesse da pragmática, para mim, sempre foi a inexistência da disciplina propriamente dita — na verdade, parece muito mais sensato falar em pragmáticas, no plural — isto é, a falta de qualquer *disciplina* (a Foucault devemos o grande *insight* de que a escolha da palavra ‘disciplina’ não foi mera coincidência). O meu objetivo ao organizar este volume de trabalhos foi, precisamente, o de celebrar a anarquia saudável e convidar os leitores a experimentá-la.

KANAVILLIL RAJAGOPALAN
Organizador

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAR-HILEEL, J. *Out of the pragmatic wastebasket*. **Linguistic Inquiry**. Vol. 2. Nº3, 1971:401-407.

EDITORS, The. Editorial. **Journal of Pragmatics**. Vol. 13. Nº 6, 1989:817-823.

GAZDAR, G. *Pragmatics: Implicature, Presupposition, and Logical Form*. Nova Iorque: Academic Press, 1979.

- HABERLAND, H. e J.L. MEY. *Editorial: linguistics and pragmatics*. **Journal of Pragmatics**. Vol. 1. Nº 1, 1977:1-12.
- HARRIS, R. *Editorial: communication about communication*. **Language and Communication**. Vol. 1. Nº 1, 1981:1-2.
- KATZ, J. J. e J.A. FODOR. *The structure of a semantic theory*. Em J.A. Fodor e J.J. Katz (Orgs.) (1964). **The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, Inc. 1964.
- MEY, J. *The end of the copper age, or: Pragmatics 12 ½ years after*. **Journal of Pragmatics**. Vol. 13. Nº 6. 1989:825-832.